



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 6 de outubro de 2022

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Na quarta-feira	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,83% São Paulo	107.664	R\$ 1.212	R\$ 5,184 (+ 0,31%)	R\$ 5,124	13,65%	13,66%	Abril/2022 1,06 Maio/2022 0,47 Junho/2022 0,67 Julho/2022 -0,68 Agosto/2022 -0,36

FINANÇAS

Fatura do cartão deve ser mais simples, diz BC

Autoridade monetária afirma, a partir de estudo, que detalhamento mais claro das despesas ajuda a evitar descontrole

» FERNANDA STRICKLAND
» RAFAELA GONÇALVES

Para fugir de uma dívida, é fundamental ter clareza dos gastos. Esse princípio vale muito se considerarmos um dos meios de pagamento mais utilizados — e mais perigosos — pelo consumidor brasileiro: o cartão de crédito.

Esse meio de pagamento é um dos maiores responsáveis do endividamento do brasileiro, por causa do juro rotativo. Essa cobrança ocorre quando a operadora oferece ao cliente a opção de pagar o chamado valor mínimo, deixando o restante da dívida para depois. A oferta é tentadora, mas se trata de uma armadilha. A média anual do juro no cartão de crédito chega a 370%.

O cartão de crédito é uma companhia constante no cotidiano dos brasileiros. Segundo o BC, em 2021, cerca de 65 milhões de pessoas — quase 40% da população adulta — realizaram mais de 200 milhões de operações mensalmente. Em média, as famílias têm cerca de 30% de suas dívidas com o Sistema Financeiro Nacional (SFN) relacionadas ao cartão de crédito, considerando as modalidades à vista, parcelada e de rotativo.

A fim de estimular o uso consciente desse meio de pagamento,

o BC divulgou ontem uma análise parcial do efeito da mudança no layout da fatura de cartão de crédito no âmbito do Relatório de Economia Bancária (REB) de 2021. A íntegra do documento será publicada hoje.

A divulgação parcial mostra que a alteração na forma como as informações são disponibilizadas na conta do cartão tende a aumentar o grau de entendimento e pagamento dos consumidores, conforme os resultados de um experimento realizado com uma amostra aleatória e controlada.

A autarquia destacou que a utilização desatenta do cartão pode custar caro ao consumidor, uma vez que, quando o titular não paga a fatura inteira, a dívida derivada do crédito rotativo ou da opção de parcelamento terá as taxas de juros mais caras do mercado, acima de 300% ao ano. Essas modalidades mais caras são mais utilizadas por pessoas com renda inferior a dois salários mínimos. “Além da desatenção, a complexidade do produto, o baixo nível de letramento financeiro dos usuários e as faturas confusas são alguns dos fatores que podem resultar na utilização indesejada do crédito rotativo ou parcelamento”, explicou o BC.

Segundo a analista financeira e CEO do Grupo Mide de

Raphael Ribeiro/BCB



BC: juro rotativo do cartão, o mais alto do mercado, afeta especialmente as pessoas de menor renda

Investimento, Milene Dellatore, o cartão de crédito pode se tornar um grande vilão a partir do momento em que o consumidor não consegue pagar 100% da fatura. “O cartão de crédito tem um dos juros mais altos do mercado, girando em torno de 355 a 370% ao ano. O atraso das faturas provoca

juros sobre juros, o que faz criar uma grande bola de neve”, alertou.

Novo layout

Na avaliação da autoridade monetária, a simplificação das faturas de cartão de crédito pode contribuir para melhorar o uso

desse instrumento. As conclusões do experimento, afirma a BC, sugerem que a mudança de layout facilita o entendimento do produto, aumenta o pagamento da fatura e diminui o endividamento.

Esses efeitos, segundo o BC, são mais fortes entre pessoas de menor escolaridade. “Os resultados

sugerem que leiautes de fatura de cartão de crédito que aprimoram a clareza e a organização das informações oferecidas ao consumidor têm o potencial de melhorar o entendimento sobre o produto financeiro, incentivar melhores decisões financeiras e reduzir o endividamento”, informou o Banco Central.

O experimento, feito dentro do escopo de promoção da Cidadania Financeira, foi conduzido em plataforma on-line pelo BC, em parceria com a empresa de consultoria e pesquisa Plano CDE e com apoio financeiro da Fletcher School of Law and Diplomacy, escola da universidade norte-americana Tufts University.

Para avaliar as hipóteses, os participantes, selecionados de forma a ter uma amostra balanceada em termos de idade, sexo e status socioeconômico, foram alocados aleatoriamente em um grupo de controle e dois grupos de tratamento.

“O experimento demonstrou que os participantes que receberam as faturas com os novos leiautes compreenderam melhor os dados apresentados e estavam mais bem informados para identificar as consequências de aceitar o crédito rotativo ou pagamento da fatura em parcelas”, afirmou a autarquia. (Com Agência Estado)

CONJUNTURA

Indústria recua 0,6% e segue em nível baixo

A produção industrial caiu 0,6% na passagem de julho para agosto, eliminando o avanço que havia registrado no mês anterior. Segundo os dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com esses resultados, o setor ainda se encontra 1,5% abaixo do patamar pré-pandemia e 17,9% abaixo do nível recorde alcançado em maio de 2011. Na comparação com agosto de 2021, houve crescimento de 2,8%.

No ano, a indústria acumulou

queda de 1,3% e, em 12 meses, de 2,7%. Entre as atividades, a maior influência negativa (-4,2%) veio do setor de coque e biocombustíveis. “Houve uma perda disseminada entre os produtos desse ramo industrial, com redução na produção de óleo diesel, óleos combustíveis, gasolina, álcool, entre outros. Mas essa atividade, em comparações mais alongadas, mostra um comportamento positivo. Ou seja, esse comportamento de queda de agosto é algo mais pontual”, salientou o gerente da

pesquisa, André Macedo.

Outras contribuições negativas vieram das indústrias de produtos alimentícios (-2,6%), e indústrias extrativas (-3,6%). Esse último resultado eliminou parte do avanço de 4,6% acumulado em junho e julho.

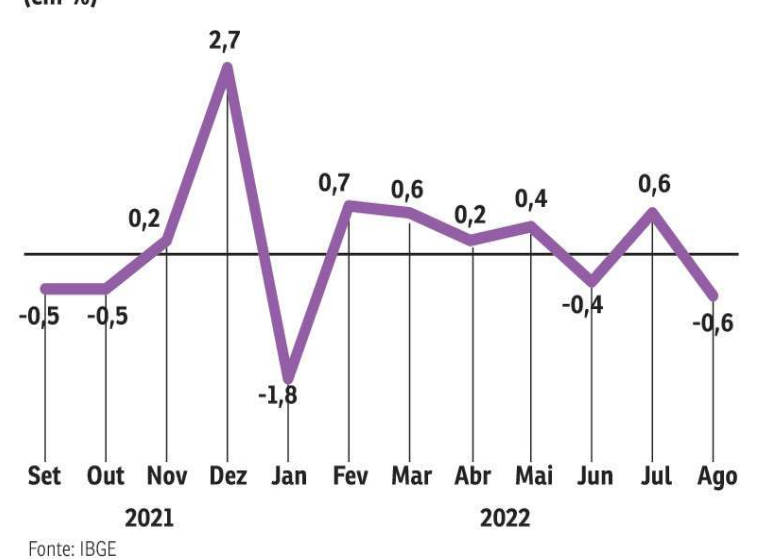
O pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), Stéfano Pacini, destacou que a queda dos dois segmentos — alimentos e derivados de petróleo — têm um peso importante no indicador. “O motivo para isso acontecer está muito relacionado também ao momento atual da economia. Temos taxa de juros e inflação em patamares muito altos. Isso vem tornando o acesso ao crédito mais difícil e, por consequência,

diminuindo a demanda da indústria”, observou.

Entre as 18 atividades com expansão na produção, veículos automotores, reboques e carrocerias (10,8%), máquinas e equipamentos (12,4%) e outros produtos químicos (9,4%) exerceram os principais impactos. Segundo o gerente da pesquisa, essas atividades tiveram quedas no mês passado e estão fazendo agora uma compensação desses recuos. “Com esses resultados, o setor industrial ainda não recupera as perdas do passado recente. Apesar da melhora no fluxo de insumos, matérias-primas e dos estoques, a situação permanece ainda distante da normalidade, o que afeta diretamente o custo de produção”, analisou Macedo.

Perdendo o fôlego

Produção industrial interrompeu o avanço registrado em julho.



A SUTIL ARTE DE LIGAR O 4X4.







JUNTOS SALVAMOS VIDAS.

JIMNYSIERRA.COM.BR

TÔ NUMA BOA. TÔ DE

JIMNY SIERRA